

A REPRESENTAÇÃO DO ESCRITOR E A MELANCOLIA EM *ILUSÕES*

PERDIDAS

Melissa Raquel Zanetti Franchi (UNICAMP)¹

Resumo: Pretende-se investigar a representação do escritor em *Ilusões Perdidas*, estabelecendo-se relações entre o conceito de gênio, caro ao Romantismo, e ao de melancolia. Busca-se analisar os ecos, presentes no início do século XIX, da definição aristotélica sobre o termo, atentando para a potência criativa associada a essa condição. O gênio, enquanto benesse e fardo para o sujeito, é fundamental para a legitimação da figura do escritor, bem como do próprio campo das artes (BÉNICHOU, 1973; BOURDIEU, 1996). É escopo deste trabalho analisar brevemente a incessante busca, por parte da classe artística, por se distinguir dos burgueses, principalmente através da criação de um estilo de vida original – a boemia.


Palavras-chave: Representação do escritor; Melancolia; Balzac.

Os homens de gênio ocupam um espaço de destaque em *Ilusões Perdidas* (1837-1843) e na *Comédia Humana* como um todo: Balzac dedica boa parte de sua obra para retratar pintores, escritores, médicos, inventores e artistas em geral, enfatizando a importância desses tipos sociais para a dinâmica das histórias de seu universo ficcional. Durante o Romantismo, os escritores e os intelectuais em geral foram envolvidos com uma aura de excepcionalidade, como se detivessem o dom de compreender e elaborar as felicidades e as mazelas da sociedade. Seu talento proporcionaria uma visão distanciada e distinta do mundo, de forma que seus discursos fossem capazes de construir, dialeticamente, a própria matéria histórica que buscavam retratar em suas obras.

De fato, desde o Século das Luzes, os homens de letras, como até então eram conhecidos os escritores e pensadores, gozavam de um grande prestígio (DARNTON, 1989). Esses intelectuais viviam, sobretudo, de privilégios e sinecuras concedidos pelo patronato aristocrático e da monarquia; era raro que se dedicassem apenas à carreira literária. Allen (1981) afirma que, normalmente, os escritores do século XVIII possuíam um emprego fixo - algum cargo estatal, por exemplo – que assegurasse um bom rendimento e o trabalho literário funcionava quase como um *hobby*, um complemento. Assim, até então, não se pensava nessa carreira como uma profissão.

Após a Revolução de 1789, a sociedade francesa passou por grandes transformações: extinguíram-se os resquícios de feudalismo e estabeleceu-se, paulatinamente e com alguns percalços, um estado de liberdade, de igualdade e de

¹ Mestranda no IEL/Unicamp; graduada em Letras pela mesma universidade. Contato: melissa.rzfranchi@gmail.com.



direito (HOBSBAWN, 2007), que permeava a concepção de individualidade. Influenciada pelos efeitos da Revolução Industrial Inglesa, a França iniciou um movimento de modernização e industrialização que, aos poucos, penetrou todas as engrenagens do corpo social. O capitalismo ascendia, juntamente ao poder aquisitivo da burguesia; instalava-se, dessa forma, uma sociedade baseada em mercantilismo.


Consequentemente, a literatura passou por mudanças estruturais; já no início do século XIX, surgiu o mercado literário, para o qual os escritores se voltaram, com a decadência da aristocracia, o que culminava na diminuição do patronato. A partir de então, a relação entre literatura e dinheiro tornou-se ainda mais complexa; além disso, os escritores passaram a se preocupar efetivamente com a venda de seus livros, ou seja, agradar ao público (e aos editores) era uma preocupação. Eles começaram a se dedicar inteiramente ao ofício da escrita e seu estilo de vida, como se um mundo à parte, ganhou grande repercussão, exercendo fascínio naqueles que não pertenciam ao que se tornaria a boemia, mas, sobretudo, nos próprios membros da roda literária, que se esforçavam em alimentar essa atmosfera de mistério que a sustentava (BOURDIEU, 1996).

De acordo com Bénichou (1973), os escritores assumiram a liderança espiritual da sociedade após a revolução, em detrimento da religião, que vinha perdendo prestígio. Assim, consagrou-se o homem de letras como aquele capaz de julgar e apontar os caminhos para a sociedade, situando-se acima e à frente dela. Desatrelada da aristocracia, a literatura passou a desfrutar de grande liberdade política, fundamental ao ideário pós-revolucionário.

A melancolia

A vida dos homens de letras e daqueles que se dedicam ao pensamento é alvo de curiosidade desde a Antiguidade. O conhecido *Problema XXX* de Aristóteles sinaliza que, frequentemente, existe algum nível de excepcionalidade nas pessoas ligadas às áreas de poesia e artes, filosofia e “*statesmanship*”. Essa característica dos inspirados estaria associada à melancolia, cuja origem seria física (o excesso de bile negra e uma mistura incomum entre os humores quente e frio). Essa disposição para o pensamento e a imaginação já passa a ser retratada em suas ambíguas relações com a insanidade e o heroísmo.

Na Idade Média, o melancólico (cuja melancolia provém de suas faculdades intelectuais, vale lembrar) é descrito também como soturno ou saturnino: a referência a



Saturno como astro influenciador desse humor é de origens árabes e representaria a ideia de contraste de que os melancólicos são imbuídos: potência criativa e silêncio, poder de transformar o mundo e isolamento, inteligência e doença/insanidade, profundo conhecimento das regras e desprezo por elas (KLIBANSKY *et al*, 1991). Assim, sua principal característica era se destacar dos demais; os melancólicos poderiam aplicar suas faculdades para o bem ou para o mal - caberia a eles mesmos optar a maneira pela qual influenciariam o mundo ao seu redor.

No século XVIII, o médico Tissot publica *De la santé des gens de lettres* (1768), obra na qual analisa o modo de vida dos literatos, apontando para uma “relação antitética entre gênio e vida” (VILA & CHALMIN, 2015). Para o autor, mente e corpo estavam profundamente interligados: uma dedicação muito intensiva à vida intelectual levaria também ao desgaste do corpo. Tissot situa o escritor em uma “cenografia de doença e morte” (VILA & CHALMIN, 2015, p. 11), heroizando-o, ao frisar que esse *épuisement littéraire* (“esgotamento literário”, expressão cunhada por ele) ou a “*maladie des gens de lettres*” se derivaria da energia dedicada ao bem coletivo e ao desejo de imortalidade, em detrimento dos cuidados pessoais com a saúde. Como afirmam Vila & Chalmin (2015), existe um movimento de literarização da enfermidade.

Já no século XIX, Etienne Brunaud, outro médico, escreve um longo ensaio, cujo título é bastante curioso, também sobre o tema da saúde daqueles que se dedicam à vida acadêmica: *De l'hygiène des gens de lettres, ou, Essai médico-philosophique sur les moyens les plus propres à développer ses talents et son aptitude naturelle pour les sciences, sans nuire à sa santé et sans contracter de maladies; ouvrage utile à tous les hommes de cabinet et à ceux qui mènent une vie sédentaire* (1819). O autor associa a fragilidade e a melancolia dos gênios ao sedentarismo, à falta de sol, à solidão e à alimentação desregrada; sugere, então, dietas, exercícios, convivência com outras pessoas da mesma área (inclusive mulheres), vestimentas e como lidar com os diferentes climas a fim de conservar sua saúde.

A preocupação de Tissot e Brunaud em retratar o estilo de vida e a (falta de) saúde corrente no mundo das letras mostra a proeminência que os literatos vinham adquirindo e também o interesse que seu exotismo despertava. Por outro lado, o fato de os dois médicos publicarem obras sobre esse tema faz com que eles mesmos se inscrevam na

história como homens de letras; ou seja, também buscam sua consagração na esfera literária (VILA & CHALMIN, 2015).

Vejam, agora, mais detalhadamente, como o conceito de gênio no século XIX remete aos postulados de Aristóteles no que tange à melancolia. Segundo o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1835),

MÉLANCOLIE. s. f. T. de Médecine. La bile noire; l'humeur sécrétée par le foie, lorsqu'elle devient épaisse et noire.

Il signifie aussi, La disposition triste qu'on attribue à un excès de bile noire, ou qui provient de quelque cause morale. Grande, profonde, sombre mélancolie [...];

MÉLANCOLIE signifie encore, cette disposition de l'âme qui, se refusant aux vives impressions du plaisir ou de la joie, se plaît dans la rêverie, dans une méditation vague, et trouve du charme à s'occuper d'idées attendrissantes. Il a une mélancolie douce. Une légère teinte de mélancolie rend sa figure plus attrayante. La mélancolie lui a inspiré des vers touchants².

É possível observar que a definição ainda carrega bastante do sentido atribuído à melancolia por Aristóteles, principalmente quanto às suas causas físicas e à sua inclinação à reflexão e à inspiração. O termo, entretanto, durante o romantismo, adquire traços poéticos e subjetivos, “por meio da literatura”, tornando-se uma dor individual que funciona como “força intelectual” (KLIBANSKY *et al*, 1991, p. 239). A imagética do *mal du siècle* - a prostração pela qual passa uma sociedade estruturalmente modificada, que clamava por liberdade, mas se via retomada por poderes autoritários, a necessidade de se lidar com um passado apagado e um futuro incerto, a ideia de falta e os paradoxos do ser humano – foi uma construção social e literária que permeou o tema da inspiração artística, fazendo da melancolia uma chancela do gênio.

No mesmo dicionário, consultemos a definição romântica de “gênio”:

GÉNIE signifie TALENT, disposition naturelle, aptitude pour une chose. [...] On le dit quelquefois en mauvaise part.

Il se dit, particulièrement, de cette qualité des esprits supérieurs qui les rend capables de créer, d'inventer, d'entreprendre des choses extraordinaires, etc. Et, dans ce sens, on l'emploie souvent absolument.

² Disponível em:

<http://portail.atilf.fr/cgi-bin/dico1look.pl?strippedhw=m%E9lancolie&headword=&docyear=ALL&dicoid=ALL&articletype=>>. Acesso em jul. 2017.

*C'est un homme de génie. Cet homme a du génie. L'essor, le feu, l'enthousiasme du génie. Les écarts du génie. [...] Il est donné d'un génie supérieur. [...]*³.

Nessa acepção, marca-se a excepcionalidade necessária (como já destacada por Aristóteles) a um homem superior para que seus feitos sejam originais e visionários. Pelo fato de a genialidade ser uma “disposição natural”, essa concepção deixa implícita uma noção de eleição – apenas poucos são escolhidos para possuir essa qualidade distintiva. Daí o isolamento em que se encontram perante uma sociedade burguesa que não compreende (ou não dá espaço para) o sacerdócio artístico, o que levaria à melancolia. Foi nesse contexto que o escritor se tornou figura central do ato de criação e suas peculiaridades passaram a fazer parte de sua obra (GEOFFRION, 2009).


Em *Ilusões Perdidas* (1837-1843), a figura do homem de inteligência e sensibilidade exacerbadas mostra-se em contínuo conflito com a ascensão das forças capitalistas denunciada pelo romance. Para analisar o tema da superioridade intelectual nessa narrativa, partimos do Cenáculo e, principalmente, do seu líder, o escritor Daniel D'Arthez; julgamos conveniente também lançar um olhar sobre a figura do tipógrafo e inventor David Séchard e sobre o protagonista, o poeta e jornalista Lucien de Rubempré.

Os gênios de Balzac

O “sofrimento da grande mente” (BROMBERT, 1960, p. 10) é um dos principais temas abordados por Balzac, o que faz com que os homens de gênio da *Comédia humana* sejam mártires de sua vocação, já que esta seria inescapável. Diz o personagem Claude Vignon: “O gênio é uma doença terrível. Todo escritor traz em seu coração um monstro que, semelhante à tênia do estômago, devora os sentimentos à medida que eles ali aparecem. Quem triunfará? A doença do homem, ou o homem da doença?” (BALZAC, 2007, p. 511-512).

A ambiguidade da genialidade está justamente no fato de características a princípio excelentes (como inteligência, criatividade e sensibilidade) se tornarem um fardo por levar ao isolamento, à incompreensão e até à loucura; Brissette (2008) define essa dinâmica como lógica do “*qui-perd-gagne*”. Vale ressaltar que, por outro lado, aos

³ Disponível em:
<<http://portail.atilf.fr/cgi-bin/dico1look.pl?strippedhw=g%E9nie&dicoid=ACAD1835&headword=&dicoid=ACAD1835>>. Acesso em jul. 2017.



gênios são escusadas as transgressões como se consequência incontornável de sua superioridade intelectual (NISBERT, 1976).


Ilusões Perdidas se passa durante a Restauração, momento em que os ideais revolucionários foram afrontados pela volta da monarquia ao poder. Entretanto, a burguesia já começava a gozar de poder e a sociedade capitalista despontava. O romance capta como tudo se tornava vendável – inclusive talentos e pessoas – e como a literatura lidou com tal mercantilismo.

A amizade de David Séchard e Lucien de Rubempré se baseia, a princípio, em suas inclinações às artes e aos “absorventes trabalhos da inteligência” (BALZAC, 2007, p. 58). Ambos são considerados poetas por Balzac, embora o primeiro seja um inventor e não lide com literatura. A última parte do romance é dedicada aos seus “sofrimentos”, descrevendo as privações pelas quais David e sua família passaram durante o processo de desenvolvimento de um tipo inovador de papel. Tendo sido perseguido por uma tipografia concorrente, David só encontra a paz ao renunciar ao seu desejo de glória, abrindo mão da patente de sua invenção. Depreende-se desse final dado por Balzac que um verdadeiro gênio não sabe lidar com questões práticas e financeiras e, para não se “degenerar”, o melhor é se afastar desse ambiente no qual o dinheiro é o reagente principal.

Lucien, personagem extremamente ambicioso, passa a recitar seus versos para a alta roda de Angoulême, onde conhece sua futura amante e mentora, a sra. de Bargeton. É ela quem lhe inculca o imaginário romântico sobre a glória e as aventuras de uma carreira literária em Paris. Ambos partem para a capital e, lá, o poeta e romancista encontra Daniel D’Arthez, representante do ideal de escritor que vê a literatura como missão e sacerdócio.

D’Arthez era “marcado pelo sinal que o gênio imprime na testa de seus escravos” (BALZAC, 2007, p. 246) e é justamente por meio dela que Lucien o reconhece como um companheiro de carreira literária. Balzac descreve seus gênios como pálidos, frágeis e com traços faciais bastante peculiares, como fronte avantajada e olhos brilhantes; adepto da fisiognomonia, o autor vale-se desse método para legitimar e distinguir seus literatos.

Outro fator de diferenciação desses homens superiores é sua condição de pobreza. A miséria marcaria seu desprendimento em relação aos bens materiais, em oposição à




burguesia, enfatizando a missão desinteressada em que se constitui o sacerdócio literário. D'Arthez e todos os membros do Cenáculo vivem miseravelmente, mas em harmonia; preferem a honestidade da pobreza enquanto não alcançam o sucesso a percorrer atalhos para chegar à glória injustamente. Igualmente, não se aborrecem quanto à possibilidade de seu reconhecimento ser póstumo (BALZAC, 2007, p. 257/316). Sua condição social se transforma, assim, em um fator de identificação entre os pares. Os jornalistas, anjos caídos da literatura na representação balzaquiana, também vivem na miséria, mas em uma miséria menos digna que a do Cenáculo, haja vista que esses literatos ajustariam seus posicionamentos e críticas de acordo com o que (ou quem) lhes oferece mais vantagens.

Quanto à fraternidade literária balzaquiana, cabe ainda destacar que, inspirada nos verdadeiros grupos românticos, carrega um nome que remete à tradição cristã: o cenáculo teria sido o local onde ocorreu a Última Ceia. Pensando-se que, como afirma Bénichou (1973), o literato se tornara “*chercheur, interprète et guide*” (BÉNICHOU, 1973, p. 276) da sociedade, a aura e a conotação de sacrifício imbuídas no vocábulo certamente contribuía para a legitimação dessas reuniões literárias.

A peculiaridade do estilo de vida dos literatos, sua sociabilidade e a atmosfera de mútuo suporte por ela proporcionado deu origem ao que, a partir de 1830, ficaria conhecido como boemia. Para Diaz (2007), trata-se de um movimento paradoxal do romantismo que, simultaneamente, exaltava o individualismo e o subjetivismo e padronizava os “comportamentos” no campo da literatura. Isso porque cada fraternidade literária tinha um líder, um chefe de escola, no qual os escritores mais jovens (ou menos renomados) se espelhavam.

Aos jovens em busca do sucesso literário coube “fazer da arte de viver uma das belas-artes” (BOURDIEU, 1996, p. 72), especialmente após o aumento da demanda pela carreira no mundo das letras no início do século XIX, impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa e do jornalismo. Os literatos não pertenciam a uma classe social específica, já que desfrutavam de festas e eventos das altas rodas, aproximando-se da aristocracia, mas viviam com recursos escassos, como a pequena burguesia (BOURDIEU, 1996). Nesse sentido, o intenso desejo de distinção em relação aos burgueses é complexo, visto que a sobrevivência dos escritores é, ainda que



indiretamente, ligada ao capital financeiro burguês – afinal, são eles os consumidores das obras publicadas.

O conceito de *génie malheureux* é, na metade do século XIX, substituído pelo de *génie maudit*. A geração literária ulterior leva essa segregação em relação à burguesia ao extremo, alegando ser completamente indiferente a ela e aos efeitos de suas obras na sociedade. A noção de “arte pela arte” começa a ganhar força, como se o artista pudesse se concentrar na imanência da obra, fechando-se em seu mundo particular. São muitos os limites dessa abordagem, pois sempre se podem questionar os limites do alheamento do sujeito melancólico.

Apesar de certamente ver-se como tal, Lucien não é considerado pelo narrador um verdadeiro homem de gênio; é frequentemente chamado de poeta, ainda que possua também os traços físicos de um homem superior. Por sua demasiada ambição e egoísmo, Rubempré sucumbe ao jornalismo, tão criticado em *Ilusões Perdidas*; ele compreende que, em Paris, o que menos importava para uma carreira literária de sucesso era o talento – mas sim a rede de contatos e a corrupção. O jovem oscila constantemente entre os polos da literatura descritos por Balzac e parece não pensar por si mesmo, chegando a ceder as rédeas de sua vida a um abade – claramente charlatão –, em troca de uma vida bem-sucedida.

Considerações Finais

A polarização entre literatura e jornalismo representada por Balzac capta o momento de consolidação do campo literário, que se adaptava às novas tecnologias, a um novo “estar no mundo” e à concepção da profissionalização do escritor⁴, daí a importância de *Ilusões Perdidas* e a riqueza de sentidos que a narrativa proporciona.

Embora Balzac utilize o termo “melancolia”, referindo-se aos seus grandes homens, poucas vezes, esse conceito está entrelaçado à ideia de genialidade que permeia o romance. Aliás, vimos como esse importante personagem da estética romântica reverbera sentidos que provêm da Antiguidade, e o estado melancólico é de primeira importância para a mitificação do escritor durante o romantismo. Balzac, um escritor realista, se utiliza dessa imagem concernente ao homem de letras em diversas narrativas, tamanha sua força e representatividade no início do século XIX.

⁴ A título de exemplificação, durante a escrita de *Ilusões Perdidas*, Balzac ajudou a fundar a *Société des Gens de Lettres* (1838), associação que objetivava cuidar dos direitos autorais e da regularização das profissões ligadas às letras.

O gênio parece sinalizar uma cisão no sujeito, que se vê dominado por seu talento; daí a noção de fardo de que o termo é imbuído, visto o caráter inescapável do dom de ter uma visão única, de pensar diferente e, conseqüentemente, de ser incompreendido e considerado insano pelos seus contemporâneos.

Dado o longo histórico de interesse sobre as pessoas que se dedicam aos estudos e às letras, depreende-se a importância dessa figura para a sociedade. A cada período, sua posição ganha mais ou menos destaque, mas os escritores, chancelados - seja por condescendência ou indiferença - pelo restante do corpo social, raramente passam despercebidos. Sua presença e sua postura diante do mundo ao seu redor, ainda que para ser contestada, mostra-se fundamental para se compreender o estado das coisas, na medida em que seu discurso constrói e é construído na e pela história.

Referências bibliográficas

ALLEN, James Smith. *Popular French Romanticism*. Nova York: Syracuse University Press, 1981.

ARISTOTLE. *Problems*. Loeb Classical Library. Harvard Univ. Press, 2011.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas*. Trad. Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

BÉNICHOU, Paul. *Le sacre de l'écrivain – 1750-1830: Essai sur l'avènement d'un pouvoir spirituel laïque dans la France Moderne*. Paris: Librairie José Corti, 1973. 3^a ed. Trad. Livre.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Schwarcz, 1996.


BRISSETTE, Pascal. Poète malheureux, poète maudit, malédiction littéraire. In: *COnTEXTES* [Online], Varia, Online since 12 May 2008. Disponível em: <<http://contextes.revues.org/1392> ;DOI : 10.4000/contextes.1392>. Acesso em: jan. 2016.

BROMBERT, Victor. *Balzac and the caricature of the intellect*. In: *The French Review*, v. 34, n. 1, out. 1960.

BRUNAUD, Etienne. *De l'hygiène des gens de lettres (...)*. Paris: Méquignon, 1819.

DIAZ, José-Luis. *L'écrivain imaginaire*. Paris: Honoré Champion, 2007.

DICTIONNAIRE de L'Académie Française. 6.ed. Tomo II. Paris, Imprimerie et Librairie de Firmin Didot Frères, 1835.



GEOFFRION, Karine. *Le poète maudit dans la mire des contemporains*. Mémoire de maîtrise. Montréal: Université du Québec, 2009.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y la melancolía*. Madrid: Alianza, 1991.

NISBERT, R. Genius. In: *The Wilson Quarterly* (1976-), v. 6, n. 5, Special Issue (1982).

TISSOT, Samuel Auguste David. *De la santé des gens de lettres*. Lausanne: Grasset & Comp., 1768)

VILA, Anne & CHALMIN, Ronan. “Malade de son génie...”. Raconter les pathologies des gens de lettres, de Tissot à Balzac. In: *Dixhuitième Siècle*, 2015/1, n. 47. pp. 55-71.